

## “TERRA DA SAÚDE E DA BELEZA”

( Capítulo inicial das **Reminiscências de Poços de Caldas**, em preparo )

Odilon Nogueira de Matos

Pouco antes da revolução de 1930, por motivos de saúde ( talvez fosse mais correto dizer por falta de saúde ), meus pais julgaram necessário residir algum tempo em Poços de Caldas, alugando para isto uma modesta casinha à rua Rio Grande do Sul, bem próximo aos Macacos. E assim, era ali que eu, então estudante numa cidade longínqua, ia passar minhas férias. Esta freqüência a Poços de Caldas de, no mínimo, três meses por ano ( e durante pelo menos quatro anos ) deu-me uma tal familiaridade, uma tal vivência com a bela estância que, para mim, revê-la, como periodicamente o faço, vale sempre por um verdadeiro programa da saudade.

Tanto mais que a época em que comecei a freqüentar Poços de Caldas coincidiu com a das grandes transformações empreendidas pelo governo de Antônio Carlos e que acabaram por fazer de Poços a mais importante estância balneária talvez da América do Sul. Lembro-me bem da construção e inauguração dos grandes palácios do Casino, do Palace Hotel e das Termas que, merecidamente, receberam o nome do grande Andrada, bem como das obras de complementação, em belo jardim de estilo lenotriano, da Praça Pedro Sanches. Sua fonte luminosa — na época uma extraordinária novidade — atraía gente de toda a parte para ver a nova maravilha, única ( dizia-se ) na América do Sul.

Todavia, a mais antiga recordação que tenho de Poços de Caldas bem antes da inauguração das obras mandadas realizar por Antônio Carlos, prende-se à vista que à estância fez o vice-presidente da República Fernando de Mello Viana, em fins de 1929 ou já em princípios de 30, não me recordo bem. Lembro-me do banquete que lhe foi oferecido no casino “Ao Ponto”, que ficava no local onde se ergue atualmente o edifício “Bauxita“, na esquina de Junqueiras com o beco que conduzia à escadaria, não mais existente, que levava à capelinha de Santa Cruz. Menino que era, não tinha acesso a essas coisas de gente grande, mas fazia parte do “pessoal do sereno” que se plantava, ávido de curiosidade, para ver os figurões entrarem. O que eu queria mesmo ver era o jeitão meio canhestro de meu pai, que — não sei porque — fora convidado para a festa.

Mas não o vi. Todavia, vi muito bem quando encostou o carro e dele desceu aquele que ajudava Washington Luís a moderar do reino a rédea nem sempre leve. Mal sabiam que estavam pisando sobre um vulcão que, embora aparentemente extinto, entraria em erupção alguns meses depois com o movimento revolucionário de outubro de 1930 que nem permitiu que Washington Luís, Melo Viana & Cia. Ltda., administrassem até o fim sua grande empresa.

As novas Termas eram o que havia, na época, de mais moderno. Para organizá-las o governo mineiro mandou à Europa um jovem médico do Rio de Janeiro, então radicado na vizinha cidade de Santa Rita de Cássia. Foi, visitou todas as grandes estâncias balneárias do Velho Mundo e voltou disposto a fazer de Poços de Caldas uma espécie de Carlsbad brasileira. Tornou-se o primeiro diretor do novo estabelecimento que substituiu o velho balneário, de que ainda me lembro tão bem. Lembrome, igualmente, de sua figura afável, de fina educação, homem de entrar tanto em salões nobres como em choças de roceiros. Seu nome aqui o escrevo com respeito: Aristides de Mello e Souza. Era pai do grande escritor Antônio Cândido, que foi meu colega na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. O curioso é que, durante todo o tempo em que o tive por colega ( ele cursando Ciências Sociais e eu História ) ignorei os laços que o prendiam ao grande diretor das Termas de Poços de Caldas, nunca me ocorrendo associar seus sobrenomes, pois a família Mello e Souza é bastante numerosa com ramificações pelo Rio de Janeiro e Vale do Paraíba. Foi só por ocasião do falecimento de Dr. Aristides, nós já formados, que, lendo no jornal seu necrológico, fiquei sabendo da filiação do ilustre colega que, na ocasião, já começava a impor-se como a crítico literário, assinando exemplares rodapés na antiga "Folha da Manhã", apenas com o nome de Antônio Cândido, pelo qual se tornou literariamente conhecido.

É muito provável — meditei pouco depois — que tivesse conhecido Antônio Cândido em Poços de Caldas. Duas coisas, pelo menos, levam-me a esta suposição: uma, o ginásio que o Mackenzie abriu em Poços, e que meu pai, para que eu não perdesse tempo, fez-me freqüentar por alguns meses, numa ocasião em que minha permanência na cidade precisou ultrapassar o período das férias. E era o ginásio em que Antônio Cândido estudava. Outra: dois ou três anos depois, já com o curso médio concluído e já metido na vida de imprensa, consegui que Dr. Aristides me concedesse uma entrevista sobre as novas Termas. E a mim, pouco mais que um pirralho, o grande médico recebeu, fidalga e pacientemente, não em seu consultório ( nas próprias Termas ), mas em sua residência, lá para os lados da rua Sergipe. E creio ter visto, naquela rápida visita, pessoas de sua família. Tudo isso, fazendo tantos anos, aparece-me hoje de maneira um tanto nebulosa, pois tanta coisa me aconteceu depois

dessa fase poçoscaldense e nada guardei dos meus papéis daquela época, que a memória não consegue fixar-se com precisão em pontos que hoje gostaria de reviver.

Além do Dr. Aristides, é-me grato recordar outros grandes médicos de Poços daquela época: Mário Mourão, Mário de Paiva, Manuel de Oliveira (especialmente este, de quem meu pai foi muito amigo) e ainda Antônio Imperatriz (falecido há pouco), Cleveland Perrone (ainda firme clinicando nas Termas) e os da família do Dr. Mário Mourão: seus filhos Martinho e Benedictus e seu genro, Clodoveu Davis, os quais criaram um grande Instituto Médico ao qual deram o nome de seu ilustre pai.

A propósito do dr. Mário Mourão, convém lembrar que ele se fez autor de um livro sobre Poços de Caldas, misto de história e de reminiscência, de qualquer forma um livro indispensável para o conhecimento do passado da estância. E mais ainda: publicou um **Livro dos Velhos**, espécie de “cartilha da geriatria brasileira”, ensinando como “envelhecer depois dos sessenta anos”. Todavia, quando se pode cantar como o Gérard na ópera “Andrea Chénier” — “Son sessant’anni...” — (se bem que no caso do fiel criado de Coigny fossem sessenta anos de serviço...) — não sei se toda a geriatria do saudoso Mário Mourão não parece um pouco artificial, em que pese a sua amável preocupação de mostrar simpáticos exemplos, a começar por ele próprio. Ou quando lembra que “as pessoas idosas, bebendo a água sulfurosa de Poços de Caldas estão ingerindo copos de rejuvenescimento, de beleza, de saúde...” Vá lá. O fato é que, com seu **Livro dos Velhos**, Mário Mourão tornou-se uma espécie de pioneiro da geriatria e gerontologia no Brasil. E hoje que estas coisas estão na ordem do dia, é sempre de justiça lembrar o nome de um pioneiro. Aliás, já sugeri ao meu querido primo e amigo dr. Flávio Fernandes, entusiasta e elemento atuante desses movimentos, que se lembre de, numa de suas freqüentes “jornadas”, prestar uma homenagem, por singela que seja, ao grande médico de Poços de Caldas.

Sem querer, cheguei ao título desta crônica: “Saúde e Beleza”. O dr. Cornélio Hovelacque teve a feliz idéia de juntar as duas palavras para formar o “slogan” **Terra da Saúde e da Beleza**, que tão bem condiz com a cidade, do qual ela tanto se orgulha e que tomei de empréstimo para este primeiro capítulo de minhas reminiscências de Poços de Caldas. É natural que, neste ponto, evoque a figura exemplar e profundamente humana do saudoso jurista e advogado, exemplo admirável de dedicação e tenacidade, sentimentos que sabia transmitir a quantos o procurassem em sua “Vida Social” (por muitos anos a única livraria da cidade e que só há poucos anos encerrou suas atividades) e que soube melhor ainda transmitir ao seu filho, meu querido amigo Dr. Leibnitz Tavares Hovelacque. Disse, certa vez, que, se tivesse que resumir a personalidade do dr. Cornélio numa única frase, eu escreveria: Deu a um filho o nome de Leibnitz... Isto diz tudo.

Nascido em Carmo da Cachoeira, Sul de Minas, em 1888, faleceu o dr. Cornélio aos 10 de abril de 1981, depois de uma vida de mais de sessenta anos dedicada a Poços de Caldas, para onde foi pouco depois de diplomar-se pela Faculdade de Direito de São Paulo. Em Poços, foi promotor e advogado, adquirindo grande renome no exercício da profissão. Teve oportunidade de importantes cargos no governo mineiro, que não aceitou só para não sair de Poços de Caldas. Foi de extrema justiça o ato recente que deu seu nome ao **Forum** da cidade.

A época de Poços de Caldas que estou recordando coincidiu, como frisei, a um período muito importante da vida da cidade, de grandes transformações, quando Poços deixou de ser aquela cidadezinha desprovida de recursos e de atrativos, embora bastante conhecida no país pelo valor de suas águas sulfurosas e, quando nada, pelo anúncio de um sabonete estampando a fotografia da cidade (“Salve Poços de Caldas ! é do teu seio que extraem o maravilhosos sabonete...etc.”) para tornar-se uma estância no verdadeiro sentido da palavra, com excelentes hotéis, balneários moderníssimos, grandes salas de jogos, passeios em condições de serem facilmente alcançados, jardins bem cuidados, tudo aquilo, enfim, que justificou o “slogan” que o Dr. Cornélio criou: “Terra da saúde e da beleza”.

Havia, na ocasião, em Poços, um núcleo bastante grande de estudantes, que ali passavam as férias ou então que, residindo na cidade, estudavam fora, de preferência em Campinas e São Paulo. É preciso não esquecer que Poços, servida, na época, apenas por uma ferrovia que partia de Campinas, sempre teve maior vinculação com esta cidade do que com a capital paulista. Aliás, antes da era do asfalto, Poços só não tinha vinculação com o próprio Estado de Minas... Os mineiros preferiam as estâncias do sul do Estado (São Lourenço, Caxambu, Lambari, Cambuquira), de acesso relativamente mais fácil. Alguém que, de Belo Horizonte, demandasse Poços, teria de fazer verdadeira odisséia, sujeitando-se a não sei quantas baldeações e pernoites. Resultado: ninguém ia. Quando, de certa feita, relacionei-me em Poços com um belorizontino, o Professor Júlio de Oliveira, que havia pouco voltara da Bélgica, onde se especializara nos métodos Decroly e sobre eles havia escrito um livro, o ilustre professor (tão ilustre quanto modesto) era olhado com curiosidade, dando a impressão de ser o primeiro cidadão de Belo Horizonte a ir a Poços. Não era o primeiro, evidentemente, mas era dos poucos. A propósito, nunca mais tive notícia de Júlio de Oliveira. Viverá ainda, já que mais de meio século se passou desde o que estou contando ?

Voltando aos estudantes: além do “Castelões” e do “Ao Ponto”, gostávamos da “Vida Social”, a livraria dos Hovelacques, que durante mais de quarenta anos esteve sempre no mesmo local, na rua outrora chamada Bahia, rebatizada depois em homenagem ao Prefeito Pinheiro Chagas. Aliás, foi bom ter lembrado nesta crônica o nome do

Professor Júlio de Oliveira, porque o seu livro sobre o método Decroly foi o primeiro que adquiri na livraria dos Hovelacques. Não que eu estivesse particularmente interessado nas teorias do grande educador belga, mas apenas para aproveitar a estada em Poços do autor do livro e caçar-lhe o autógrafa. Lamentavelmente, não possuo mais esse volume, desaparecido numa das minhas muitas mudanças. Certamente estará superado, nem eu o leria mais, mas sinceramente, gostaria de o ter conservado quando nada para mostrar ao meu amigo Leibnitz o primeiro livro que adquiri em sua livraria. Primeiro de uma longa série, pois o Leibnitz, que, para mim era uma ~~série~~ <sup>exceção</sup> de Carlos Ribeiro de Poços — muita coisa nele me lembra o famoso livreiro da rua São José — me propiciou inúmeras vezes enriquecer sensivelmente minha biblioteca, hoje quase toda incorporada ao Departamento de História da Universidade Católica de Campinas.

A vida social de Poços de Caldas ( agora não mais a livraria, mas a vida em sociedade ) não propiciava muita coisa aos forasteiros. Seus clubes foram sempre muito fechados e a não ser alguma brincadeira ou festividade promovida pelos próprios hotéis, pouco havia para a rapaziada que não podia, ainda, freqüentar cassinos. Passeios e excursões, que a mim sempre interessaram, não podiam ser indicados como uma constante, pois em geral eram feitos uma só vez, ninguém tendo interesse em refazê-los, a não ser por alguma razão especial. As represas não constituíam ainda uma atração e uma delas estava ainda em construção. O morro de São Domingos, onde, mais tarde, colocaram uma estátua de Cristo, representava um desafio que nós facilmente vencíamos. Minhas primeiras subidas ao morro, tendo sido antes da construção da estátua, permitem-me dizer que elas se realizaram antes de Cristo... Tal como no Corcovado, onde minha primeira subida também foi A. C., ainda ao tempo do famoso "chapéu", de que os cariocas mais antigos bem se lembram.

Mas o que nós gostávamos mesmo era do velho cineminha, o Politeama, localizado numa das alas do Grande Hotel. O edifício ainda existe e o hotel também. Tendo mudado de proprietário não sei quantas vezes, por ele perpassa, ainda, a sombra amiga e saudosa de Dona Amélia. O cinema, entretanto, desapareceu. Em seu lugar existe hoje uma fábrica ou depósito de móveis. Numa de suas paredes, que correspondia outrora à sala de espera do cinema, podia-se ver até há pouco, quase oculta por cadeiras, poltronas, sofás e outros trens de marcenaria, a placa colocada para recordar a passagem por Poços de Caldas, em outubro de 1915, de Gustavo Salvini, "genial intérprete de Shakespeare e Ibsen". O Dr. Mário Mourão, em seu livro sobre a cidade, atribui essa placa, por engano, a Ermete Zanconi, lapso imperdoável, porque ao tempo em que ele escreveu o livro, o cinema ainda funcionava e a placa lá estava bem visível. Antes que os marceneiros a arrancassem, a Prefeitura mandou retirá-la, transportando-a para o Museu do Country Clube, onde ela pode ser vista logo à direita de quem entra. Falta, apenas, uma indicação para que os modernos saibam o que ela representa.